

PUC
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



WALESKA SETTE CERQUEIRA CARDOSO

**A ALQUIMIA NO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO**

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
PSICOLOGIA JUNGUIANA, ARTE E
IMAGINÁRIO**

**RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO DE 2018**

COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO



Waleska Sette Cerqueira Cardoso

A ALQUIMIA NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CURSO DE EXTENSÃO

Pós Graduação em Psicologia Analítica Arte e
Imaginário

Rio de Janeiro,



Waleska Sette Cerqueira Cardoso

A ALQUIMIA NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pós Graduação em Psicologia Analítica
Arte e Imaginário

Orientador: Álvaro Gouvêa

Rio de Janeiro,

Dedicatória. . .

- *Gostaria de dedicar esse trabalho a meu esposo Alan por todo seu apoio e carinho e por ser tão presente e essencial em minha vida.*
- *A todos os meus professores da Pós Graduação, que foram um alicerce de fundamental importância na construção da minha vida profissional.*
- *A professora Lorena que em sua brilhante explanação durante as aulas, me trouxe a inspiração para redigir sobre este tema.*
- *ao professor Carlos in memoriam por inspirar a todos pela sua brilhante percepção a respeito da psicologia de Jung.*
- *Ao coordenador e orientador professor Álvaro Gouvêa , pela sua paciência conselhos e ensinamentos que foram essenciais para o desenvolvimento do TCC.*

*“SÓ AQUILO QUE SOMOS REALMENTE
TEM O PODER DE CURAR-NOS.”
CARL GUSTAV JUNG*

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo articular uma discussão sobre a importância do processo simbólico e da alquimia na clínica de Psicologia Analítica Junguiana. Buscou-se fazer um levantamento sobre a história da Psicologia Analítica, apontando a importância do processo da alquimia e seu simbolismo no caminho de desenvolvimento do sujeito. O foco da pesquisa é relacionar os conceitos propostos por Jung à prática clínica na área da Psicologia – como esse trabalho aconteceu e seu desenvolvimento como caminho de individuação. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com apresentação de casos clínicos correlacionando-os com os arquétipos e seus resultados de transformação nas intervenções clínicas, na esfera de ação da Psicologia.

Palavras-chaves: Alquimia. Processo Simbólico. Clínica. Individuação.

ABSTRACT

The present study aims to articulate a discussion about the importance of the symbolic process and the alchemy in the Jungian Clinical Psychology clinic. It was sought to make a survey on the history of Analytical Psychology, pointing out the importance of the process of alchemy and its symbolism in the path of development of the subject. The focus of the research is to relate the concepts proposed by Jung to clinical practice in the field of Psychology - how this work happened and its development as a path of individuation. The methodology adopted was the bibliographical research, with presentation of clinical cases correlating them with the archetypes and their results of transformation in the clinical interventions, in the sphere of action of Psychology.

Key-words: Alchemy. Symbolic Process. Clinic. Individuation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	JUNG E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS.	10
1.1	A importância do legado de Jung para a Psicologia Analítica.	10
1.2	Alguns conceitos utilizados por Jung para a construção da Psicologia Analítica.	11
1.2.1	<i>Self</i>	11
1.2.2	A Alma ou psique.	12
1.2.3	A consciência: o ego e a persona.	13
1.2.4	O inconsciente pessoal.	14
1.2.5	O inconsciente coletivo.	15
1.2.6	Arquétipos.	15
1.2.7	Complexos.	17
1.2.8	A sombra.	18
1.2.9	Anima e Animus.	20
2	A ALQUIMIA NA VISÃO DE JUNG E O PROCESSO SIMBÓLICO.	23
2.1	Breve histórico da Alquimia.	23
2.2	O interesse de Jung nos estudos alquímicos.	24
2.2.1	O Processo Simbólico.	25
2.2.2	Os símbolos.	26
3	A ALQUIMIA E SEUS RITOS: AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO ALQUÍMICOS E SUAS OPERAÇÕES. . .	28
3.1	Os quatro elementos e a quinta essênciaO mercúrio, o enxofre, o sal e os sete metais.	28
3.2	As quatro etapas do desenvolvimento alquímico.	30
3.2.1	<i>NIGREDO</i>	30
3.2.2	<i>ALBEDO</i>	30
3.2.3	<i>CITREDO</i>	31
3.2.4	<i>RUBEDO</i>	32
3.3	AS OPERAÇÕES ALQUÍMICAS.	32
3.3.1	<i>CALCINATIO</i> : Elemento FOGO.	33
3.3.2	<i>SOLUTIO</i> : Elemento ÁGUA.	33
3.3.3	<i>COAGULATIO</i> : Elemento TERRA.	34

3.3.4	<i>SUBLIMATIO</i> : Elemento AR.	34
3.3.5	<i>MORTIFICATIO/PUTREFACTIO</i>	35
3.3.6	<i>SEPARATIO</i>	36
3.3.7	<i>CONIUNCTIO</i>	36
4	AS QUATRO ETAPAS DA TERAPIA ANALÍTICA E A COM- PARAÇÃO COM AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO ALQUÍMICO.	38
5	UM CASO CLÍNICO À LUZ DOS ESTUDOS ALQUÍMICOS.	40
5.1	Utilização dos estudos alquímicos desenvolvidos por Jung num caso clínico	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo destacar a importância da utilização, pela Psicologia Analítica, dos estudos referentes aos elementos alquímicos, desenvolvidos por Carl Jung, como caminho de transformação do sujeito na busca de sua individuação.

Durante o processo de autoconhecimento, o caminho para a busca da individuação perpassa por diversas etapas, indo do sofrimento ocasionado pela lesão até o atingimento da integralidade do ser. Nesse sentido, Jung (1990, p. 162) ensina que “o verdadeiro processo de individuação – isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self – em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do consequente sofrimento”¹.

Com base nessa linha de raciocínio, Carl Jung, psiquiatra e psicólogo suíço (1875-1961) correlacionou, num primeiro momento, esse caminho do indivíduo às etapas do processo de transformação alquímica. A profundidade desses estudos passou a ser de extrema importância na intervenção clínica atual, pois o crescimento de casos de surtos depressivos, síndromes de pânico e transtornos de ansiedade, denota que o excesso de informação externa, por vezes, vai de contramão ao processo de autoconhecimento e individuação do ser humano.

O processo criativo também é utilizado como importante recurso terapêutico face a alguns quadros clínicos apresentados nos consultórios de Psicologia, por meio do qual os pacientes são incentivados a se expressar por meio da arte e dos símbolos. Na Psicologia Analítica de Jung, e principalmente nos estudos alquímicos desenvolvidos por ele, o símbolo era considerado como um reino intermediário da realidade sutil, localizado entre a matéria e o espírito, sendo meio adequado para a expressão e a realização do ser.

O presente estudo destaca a utilização dos métodos alquímicos e simbólicos na área da saúde mental, e suas contribuições e eficácia para o tratamento psicológico.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, com ênfase em livros, textos e sites sobre o tema, como Scielo, Google Acadêmico, Bibliotecas Digitais da Unicamp, PUC/RJ e PUC/SP,

¹ Jung, C. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990, p. 162.

e com destaque aos teóricos Carl Jung, James Hilman, Marie Von Franz, Edward Edinger, Álvaro Govêa dentre outros.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo trata da importância do legado de Jung para a Psicologia Analítica, sendo trazidos alguns conceitos utilizados por ele, e que são fundamentais para a compreensão do estudo.

No segundo capítulo é apresentada uma breve história da Alquimia e conceito. Aborda a importância que Carl Jung conferiu ao tema, fazendo a correlação dos processos alquímicos com o próprio desenvolvimento do indivíduo, e sua contribuição para a Psicologia Analítica. Também trata do processo simbólico e sua importância no trabalho desenvolvido por Jung.

No terceiro capítulo são apresentados os quatro elementos, os quatro princípios filosóficos, as quatro etapas do desenvolvimento alquímico (nigredo, albedo, citredo e rubedo), bem como as operações estudadas pelos alquimistas na busca da transformação da *prima materia* em ouro, operações que serviram de base para os estudos de Jung na Psicologia Analítica.

No quarto capítulo foi exposto um caso clínico em que foram utilizados os métodos alquímicos desenvolvidos por Jung, a demonstrar que seus estudos podem servir como importante ferramenta para os ditos “males da modernidade”, apresentando, por fim, as reflexões e considerações finais sobre o estudo.

1 JUNG E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS.

1.1 A importância do legado de Jung para a Psicologia Analítica.

A Psicologia Junguiana Analítica procura resgatar o sentido simbólico através do resgate da subjetividade do indivíduo. Observa-se, na perspectiva do mundo moderno, uma profunda crise que vem se manifestando nos mais diversos âmbitos da vida do indivíduo, perceptível através de um mal-estar social, e nas mais diversas relações sociais.

As consequências dessa crise têm gerado um profundo questionamento a respeito do fundamento do pensamento científico e do racionalismo. O homem ocidental passou a ser estimulado em seu desenvolvimento a partir de sua identificação racional e não como um ser integral. E este ponto começou a ser questionado por Jung, pois a realidade objetiva perpetua uma visão mecanicista e puramente racional.

A partir dessa visão crítica a respeito da crise da modernidade, a Psicologia Analítica atribui diretamente a crise ao pensamento racionalista, que vem potencializando a experiência humana, a partir de uma natureza secularizada e inanimada, no qual ao indivíduo é negada a expressão de sua alma, inibindo suas potências psíquicas inconscientes.

E pelo fato desses potenciais permanecerem inconscientes, os efeitos dessa inércia se tornam profundamente nefastos. A Psicologia Junguiana procura resgatar o sentido e o encantamento da visão de mundo, que é negado pelo racionalismo. A base dos estudos de Jung não é voltada para a mente, cérebro ou a lógica racional, mas para a própria alma, onde se propõe que o indivíduo passe a se conectar com seus conteúdos psíquicos inconscientes.

Jung rompeu com o paradigma do século XX, desenvolvendo seu pensamento a partir da experimentação. Em seus estudos com pacientes insanos, e durante os períodos depressivos de seus pacientes, Jung procurava observar as imagens inconscientes demonstradas por eles. Para compreender essas imagens, ele articulou em seus estudos as bases da Alquimia, os arquétipos do inconsciente e o mundo dos mitos, entendendo-os como manifestações psíquicas do inconsciente coletivo.

Portanto, através dos estudos desses conteúdos simbólicos, Carl

Jung correlacionou o caminho do indivíduo às etapas do processo de transformação alquímica, passando a ser de extrema importância na intervenção clínica, principalmente no século XXI, os estudos desses conteúdos simbólicos, onde Jung começou a correlacionar o inconsciente e os símbolos.

O presente trabalho busca ampliar e destacar a importância do legado de Jung para o campo da Psicologia Analítica, bem como sua contribuição no processo terapêutico. No entanto, para atingir este fim, faz-se necessário destacar alguns importantes conceitos elaborados por Jung, com vistas a trazer um melhor entendimento sobre a importância e atualidade de suas ideias ao momento presente.

1.2 Alguns conceitos utilizados por Jung para a construção da Psicologia Analítica.

1.2.1 *Self*.

O *self* representa o centro ordenador e unificador da psique e núcleo fundamental do inconsciente e da totalidade psíquica, sendo considerado o mais importante dos arquétipos na Psicologia Junguiana.

Pode-se considerar o *self* como uma autoridade psíquica, a essência do ser, que atrai e regula os demais arquétipos, ou seja, é a fonte criadora e reguladora de nossa vida psíquica. Importante ressaltar que a atuação do *self* na consciência acontece através dos complexos.

Segundo Jung (1990, p. 161), dialeticamente existe uma conexão mediadora entre o ego e o Self, e conectá-los é a meta fundamental do processo do desenvolvimento da personalidade humana, a que Jung denominou de “Processo de Individuação”¹.

Na observação a respeito dos ritos das religiões e dos mitos, em sua exploração dos conteúdos simbólicos, Jung identificou imagens arquetípicas do *self*, percebendo assim que todo homem em busca de si mesmo procura atingir o *self* como representação da meta de atingir sua própria autorrealização e conexão. Atingir o *self* é uma realização para o ser humano, pois esta conexão permite a personalidade ter uma direção mais segura,

¹ JUNG. C. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990, p. 161.

um guia mais claro para desenvolver uma segurança interna a respeito dos passos que precisam ser dados na jornada da sua existência.

Para Jung, a expressão por excelência da totalidade psíquica é a mandala, onde o seu centro representa o ponto central da psique (*self*). Mas, segundo a lição de Silveira (1994, p. 100), para Jung “o Self não é somente o centro, mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente quanto o inconsciente”².

O arquétipo do self, quando ligado ao ‘eu’, faz com que o indivíduo se sinta harmonizado consigo mesmo, e quando ocorre alguma interrupção ou bloqueio nesta conexão, acontece uma desestruturação que leva a sintomas de desequilíbrios tanto físico quanto psíquico.

1.2.2 A Alma ou psique.

Jung entendia que o indivíduo tem uma essência, e que tornar-se consciente desta essência é um dos propósitos do seu autodesenvolvimento. O termo psique é originalmente grego e tem em seu significado “o sopro da vida”, ou seja aquilo que anima um corpo. Platão, em termos da etiologia da palavra, referiu-se a psique como alma, pois estão implícitos, em seu conteúdo simbólico, as implicações transcendentais e os aspectos consciente e inconsciente, os sentimentos, os comportamentos e pensamentos que, em sua totalidade simbólica visam harmonizar e regular o mundo interno do indivíduo.

A palavra alma abrange este sentido de totalidade, envolvendo as experiências consciente e inconsciente e todos estes processos psíquicos. Nesse sentido, esclarece Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 178) a afirmação de Jung no sentido de que “psique, em sua disposição básica é a ‘totalidade de todos os processos psíquicos conscientes como também inconscientes’”³.

A Psicologia Científica, em meados do séc XIX, passou a utilizar o termo “psique” ao termo “alma”, em prol destas implicações transcendentais. No entanto, Jung, ao falar, da psique, referia-se à psicologia profunda, onde a conexão e a totalidade da experiência faz com que a própria experiência

² SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra: 1994, p. 100.

³ SAMUEL, A. Shorter. B & Plaut. F.: Dicionário Crítico de Análise Junguiana. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1986, p. 178.

ultrapasse a percepção de um mero acontecimento.

1.2.3 A consciência: o ego e a persona.

O termo *persona* deriva do verbo *personare*, que tem como significado “soar através de”. A partir do teatro greco-romano, muitos atores utilizavam-se de máscaras para representação de determinados papéis. O termo *persona* era utilizado para se referir a estas máscaras, transformando o ator no ideal que o papel a ser desempenhado exigia, com a finalidade de trazer maior realismo ao espetáculo.

Para a Psicologia Analítica, *persona* tem relação com a maneira que o indivíduo se apresenta no mundo, sua imagem e algum aspecto da sua personalidade que é revelado externamente, a maneira de ser visto e o status social que deseja ser atribuído por meio desta imagem externa. Refere-se também à adaptação do indivíduo ao coletivo, à atitude que assume como resposta aos outros e às situações para adaptar-se ao ambiente e sobre ele agir, assim como a seus comportamentos convencionais, enquanto pertencente a determinado grupo social.

Segundo Hall e Nordby (1973, p. 34), a “*persona*, por si, não é entendida como traço psíquico falso ou patológico do indivíduo; torna-se falso e patológico na identificação do eu com a *persona*, porque nisso de o indivíduo e a sua *persona* tornarem-se uma mesma coisa, verifica-se o erro da máscara se fundir com o rosto do ator”⁴.

O conceito de *persona* se refere a “máscara” que geralmente não corresponde ao modo de ser autêntico do indivíduo, mas, metaforicamente, seria uma identidade sócio-cultural, uma casca ou imagem ideal que manifesta sua qualidade expressiva, pensamentos e sentimentos do indivíduo em relação aos “moldes” e estereótipos da psique coletiva, consciente e inconsciente.

Assim dispõe o Dicionário Crítico de Análise Junguiana sobre o entendimento de Jung a respeito da *persona* ⁵.

A concepção de Jung, da *persona* é a de um arquétipo... Em qualquer sociedade ela é um meio de facilitar o relacionamento e

⁴ HALL, C. S.; NORDBY, VERNON, J – *Introdução a Psicologia Analítica*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1973, pág 34.

⁵ Ibid., p. 178

intercambio exigido. Diferentes culturas estabelecerão diferentes critérios para a *persona* e haverá alteração e evolução ao longo do tempo uma vez que o padrão arquetípico subjacente é suscetível a variação infinita. Às vezes, a *persona* pode ser pensada como um arquétipo social envolvendo todos os compromissos de se viver em sociedade”.

A partir da *persona*, Jung pôde estudar os complexos e as diferentes partes pelas quais a psique é constituída, quais sejam a consciência e o inconsciente pessoal e coletivo.

1.2.4 O inconsciente pessoal.

Jung utilizava o termo inconsciente para se referir a conteúdos mentais não acessíveis ao ego, e que foram reprimidos por se reportarem a processos dolorosos ou sombrios. Estes conteúdos estão ligados às experiências que foram rejeitadas ou desconsideradas pelo “eu”, e que permanecem inconscientes ou ocultas.

Sobre o inconsciente pessoal, assim lecionou Silveira (1994, p. 74) ⁶:

Esta denominação refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Aí estão incluídas as percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de idéias ainda demasiado fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante a vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem lembradas; e sobretudo, grupos de representações carregados de forte potencial afetivo, incompatíveis com a atitude consciente (complexos). Acrescenta-se a soma das qualidades que nos são inerentes, porém que nos desagradam e que ocultamos de nós próprios, nosso lado negativo, escuro.

O inconsciente pessoal tem em sua representação os conteúdos que se encontram profundos e inconscientes, as idéias reprimidas, os sentimentos dolorosos, as percepções subliminares, memórias e conteúdos que não chegaram a atingir a consciência. A partir destes conteúdos é que se formam os complexos inconscientes.

⁶ Ibid., p. 74

1.2.5 O inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo, por sua vez, armazena as imagens primordiais que nos foram transmitidas de gerações a gerações por nossos ancestrais. Através dessas imagens, é possível reconhecer a vida inconsciente do indivíduo e suas predisposições e habilidades para vivenciar as experiências e responder ao contexto social. São os comportamentos e reações (ações instintivas), que são provenientes destas memórias inconscientes do passado e herdadas dos antepassados, e que atuam ao longo da história do humano.

De acordo com Jung (2011, p. 123), “o inconsciente coletivo é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos”⁷.

A teoria dos arquétipos, portanto, destaca que os conteúdos do inconsciente coletivo despertam padrões de comportamento pessoal, determinantes de certos traços de personalidade inatos. Segundo Silveira (1994, p. 79), “enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade”⁸.

1.2.6 Arquétipos.

Os arquétipos são imagens universais herdadas, e que são preenchidas pela experiência consciente. Silveira (1994, p. 79) conceitua os arquétipos como “possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar”⁹. Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 38), por sua vez, esclarece que o arquétipo é “a parte herdada da PSIQUE; padrões de estruturação do desempenho psicológico ligados aos INSTINTOS; uma entidade hipotética irrepresentável em si mesma e evidente somente através de suas manifestações.”¹⁰.

Os arquétipos correspondem a parte herdada da psique, que foi estru-

⁷ JUNG, C. A Natureza da Psique. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 123

⁸ Ibid., p. 79

⁹ Ibid., p. 79

¹⁰ Ibid., p.38

turada a partir do desempenho psicológico ligado ao instinto. A partir destas imagens primordiais ancestrais, os arquétipos vêm carregados de conteúdo simbólico, podendo-se notar esta premissa em períodos de crise, momentos em que os comportamentos arquetípicos têm sua maior evidência.

O arquétipo, que é passado de geração a geração, como uma herança, emerge de algo que pré-existe, atemporalmente, e é passado de ser humano para ser humano, conforme se verifica ao longo da história da humanidade. Podem ser comparados os arquétipos que estruturam a psique aos genes que estruturam a morfologia da espécie humana, pois da mesma forma que nem todos os genes se manifestam num único indivíduo, nem todos os arquétipos da psique coletiva se manifestam na psique individual de uma única vez.

Segundo Franz (1990, p. 23) ¹¹:

no inconsciente todos os arquétipos estão contaminados um pelo outro. É como se diversas fotografias fossem impressas umas sobre as outras; elas não podem ser separadas. Isto tem a ver, provavelmente, com a relatividade atemporal e a-espacial do inconsciente. É como um pacote de representações que estão simultaneamente presentes.

O arquétipo é um conceito psicossomático, unindo corpo e psique, instinto e imagem. Para Jung, as imagens não eram consideradas como reflexos de impulsos biológicos, mas evocavam o objetivo dos instintos. Por sua vez, Hillman (1992, p. 22) defendeu a idéia de que os arquétipos são “estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos”¹². Hillman (1981, p. 193) também ensina que a presença das imagens são consideradas expressões criativas que se manifestam *a posteriori* em formas de comportamento¹³.

Há, na psique, o predomínio das imagens e, nesse ponto, os arquétipos podem ser considerados como categorias da imaginação. Hillman (1981, p. 197) dispõe que “no domínio da mente o instinto [arquétipo] é percebido como imagens, no domínio do comportamento, as imagens são desempenhadas como instinto. O comportamento é sempre a encenação de uma fantasia”¹⁴.

O arquétipo pode se expressar na consciência humana, através do comportamento do sujeito a partir de experiências significativas e quando

¹¹ FRANZ, M. von. Alquimia. Introdução ao Simbolismo e à Psicologia. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 23

¹² HILLMAN, J. Psicologia Arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 22

¹³ HILMAN, J. Estudos em Psicologia Arquetípica. Bahia: Achiamé, 1981, p. 193

¹⁴ Ibid., p. 197

ele se torna forte o suficiente para constituir o centro de um complexo bem desenvolvido. São percebidos em comportamentos externos e são comumente verificados em experiências universais como nascimento e morte.

Marie-Louise Von Franz, analista junguiana que conviveu diretamente com Jung, ensina que o arquétipo pode se manifestar em qualquer parte do planeta e, mesmo assim, conservar idêntico formato, apesar das diferenças culturais. Nesse ponto, Franz (1990, p. 11) afirma que “um arquétipo é um impulso psíquico específico que produz seus efeitos como um único raio de irradiação e, ao mesmo tempo, um campo magnético expandindo-se em todas as direções”¹⁵.

A representação e o número de arquétipos é imensurável e podem ser exemplificados nas seguintes figuras: pai, mãe, herói, criança, Deus, demônio, nascimento, morte, renascimento, sábio, embusteiro, sol, lua, dentre outros.

1.2.7 Complexos.

Jung considerava que os complexos têm forte conteúdo de sentimentos, pensamentos e memórias carregadas de potencial afetivo, e não estão baseadas em atitudes conscientes do indivíduo. Os complexos retêm grande energia psíquica, o que dificulta a fluidez dessa mesma energia.

Assim, as experiências vivenciadas a partir destes complexos estão carregadas de ações mais extremadas e reações exageradas, possuindo uma força própria que atua de forma persistente e, às vezes, até obsessiva nos pensamentos e comportamentos. Os complexos assumem uma autonomia, como personalidade subjacente, separadas da personalidade total, podendo ser considerados como psiques parciais.

A energia psíquica aprisionada e bloqueada pode gerar sintomas de caráter patológico, sintomas neuróticos, tornando-se um obstáculo ao ajustamento do indivíduo a sua realidade. No entanto, é importante destacar que o complexo não é necessariamente patológico, podendo até vir a ser uma fonte de inspiração, a exemplo de uma manifestação artística.

Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 49), o complexo seria

¹⁵ Ibid., p. 11

assim definido ¹⁶:

Reunião de imagens e idéias, conglomerados em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, e caracterizadas por uma totalidade emocional comum. Quando entram em ação ('torna-se constelados'), os complexos contribuem para o comportamento e são marcados pelo AFETO, quer uma pessoa esteja ou não consciente deles. São particularmente em última análise sintomas neuróticos.

1.2.8 A sombra.

Conforme lição de Jung (1990, p. 229) a sombra seria definida como a coisa que uma pessoa não tem o desejo de ser. Toda sombra se produz por que existe a presença da luz, sendo, portanto, um fenômeno natural. No contexto psíquico, Jung relaciona a sombra aos processos profundos e inconscientes que se encontram reprimidos, e negar os aspectos sombrios da natureza psíquica seria bloquear uma energia potencializadora de realização. Dessa forma, é preciso aprender a sentir a sombra ¹⁷.

Ao longo da jornada, e desde o nascimento, a repressão dos aspectos sombrios foi sendo ensinada na vida social, o que potencializa as máscaras. Enquadrou-se o sujeito, estimulando-o à repressão das emoções consideradas negativas, como a raiva, frustração, inveja, fúria, dentre outras. Nesse sentido, (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1986, p. 204) menciona a seguinte afirmação de JUNG: "todo mundo carrega uma sombra, e quando menos ela está incorporada na vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é"¹⁸.

Portanto, a sombra ganha contornos sutis, escondendo-se na vergonha, no medo, nas passagens secretas e nas gavetas esquecidas da consciência. Quando Jung criou o arquétipo da sombra, explicou que esta cria uma névoa de ilusão que cerca o *self*, e quando encurralado na névoa, o indivíduo se lança à escuridão, dando cada vez poder maior à sombra dentro de si.

Nesse sentido, Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 205) dispõe que a sombra é considerada um arquétipo e contém conteúdos psíquicos poderosos marcados pelo afeto. . . capaz de alarmar e dominar o ego estruturado,

¹⁶ Ibid., p. 49

¹⁷ Ibid., p. 229

¹⁸ Ibid., p. 204

os conteúdos sombrios muitas vezes emergem à consciência por meio da projeção, onde consciência se percebe em uma condição de ameaça e insegurança e a sombra se manifesta como uma projeção forte e irracional, positiva ou negativa, sobre o próximo ¹⁹.

Visto a sombra sob outra ótica, a do processo de desenvolvimento pessoal, todos estes fragmentos considerados negativos, e a consciência destas partes desagradáveis, são fatores fundamentais no caminho de individuação. Ter um lado sombrio não significa necessariamente possuir uma falha, mas ser completo, não devendo ser negado esse lado escuro, onde estão submersas todas as coisas que nos desagradam e nos assustam em nós mesmos.

Ness contexto, evidencia-se a divisão interior como uma questão a ser enfrentada. A sombra perde o poder quando a consciência não mais se divide. Quando isso ocorre, não há mais compartimentos ocultos, celas de tortura ou cavernas onde o indivíduo possa se esconder, pois a consciência vê-se a si mesma, é a descoberta da possibilidade de nascimento de um novo self.

Conforme lição de (FRANZ, 1990, p. 9), “mediante a observação de sonhos, visões, alucinações e outras manifestações, o homem moderno pode agora, pela primeira vez, considerar de maneira utilizável os fenômenos do inconsciente. O que provém do inconsciente pode-se observar por mediação dos indivíduos.” ²⁰

Dessa forma, apenas quando aprendemos a integrar aquilo que tanto tendemos a afastar, ou esconder, e que acabamos por projetar nos outros, é que podemos, finalmente, assumir a totalidade do nosso ser, com todo o nosso potencial, talento, capacidade e verdade.

Muitos indivíduos chegam a um ponto em que sentem que certas emoções se tornam desajustadas no contexto de toda a aprendizagem adquirida. É como se um sentimento “sombrio” manchasse toda a luz que tem sido “construída” ao longo do processo. E essa sensação de desajuste causa desequilíbrio, potencializa um processo patológico, levando a fragmentação do sujeito. Jung afirmava a importância em sentir a experiência do sombrio e oculto em muitos aspectos da vida, trabalho, família e no cotidiano, sendo este confronto necessário para a manutenção da saúde física e psíquica.

Portanto, é essencial que o indivíduo saiba lidar com seus instintos e com a sua sombra, que é um símbolo arquetípico presente em todas

¹⁹ Ibid., p. 205

²⁰ Ibid., p. 9

as religiões, culturas, e principalmente no inconsciente coletivo. A sombra abrange a ancestralidade, os defeitos e a força instintiva do indivíduo de defesa e de sobrevivência.

1.2.9 Anima e Animus.

Os conceitos *anima* e *animus* são derivados do termo latino *anima* (alma), e referem-se à imagem da alma de um indivíduo, respectivamente feminina ou masculina.

Jung compreendia a anima como alma num sentido de complementariedade, característico da personalidade de cada indivíduo a qual a psique se move. Os termos *anima* e *animus* são símbolos das imagens psíquicas do inconsciente coletivo e subliminares à consciência, sendo originárias de uma estrutura arquetípica básica, e que funciona a partir da psique inconsciente.

Tais conceitos influenciam o princípio psíquico dominante de um homem ou de uma mulher. Neste sentido, *anima* significa a feminilidade e *animus* a masculinidade, ou seja, para o indivíduo se tornar completo seria preciso, para Jung, que houvesse a união dos aspectos feminino e masculino para a integração do indivíduo.

A reforçar tal entendimento, Jung (1990, p. 234) afirmava que “a *anima* é o elemento feminino da psique masculina e corresponde a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, tais como intuição, humor, sentimentos de instabilidade emocional, capacidade de amar, sensibilidade e o relacionamento com o inconsciente”²¹.

O primeiro contato psíquico com a *anima* tem sua origem no primeiro contato com a mãe. Portanto, se nas manifestações individuais o homem sente que a mãe teve uma influência negativa sobre ele, sua *anima*, seu lado feminino, irá se expressar com o cunho negativo, com traços de irritação, insegurança, depressão, dentre outros. Depois a *anima* se transfere, sobretudo nas relações amorosas, onde o homem, ao se relacionar com uma mulher, projetará a imagem da mãe para o feminino que ele está envolvido, esperando que sua companheira desenvolva este papel de proteção.

Sobre o conceito de *anima*, assim dizia Silveira (1994, p. 93):

A anima encerra os atributos fascinantes do “eterno feminino”,

²¹ JUNG, C. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 234.

noutras palavras, é o arquétipo do feminino. O primeiro receptáculo da anima é a mãe e isso faz com que aos olhos do filho ela pareça dotada de algo mágico. (É o sentimento do numinoso que está sempre presente em todas as manifestações realmente arquetípicas.) Depois a anima será transferida para a estrela de cinema, a cantora de rádio e, sobretudo, para a mulher com quem o homem se relacione amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade do objeto real corresponder plenamente à imagem oriunda do inconsciente. A retirada da imagem da anima de seu primeiro receptáculo, a mãe, constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a anima é transposta (por projeção) sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, a esposa ou a amante. O homem esperará que a mulher amada assuma o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois. A anima apresenta-se personificada, nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos das produções artísticas.”²²

Já em relação ao *animus*, Jung entendia que este arquétipo corresponderia à personificação de todas as tendências psicológicas masculinas. Na mulher, o conjunto de experiências vivenciadas em relação ao masculino, fará emergir de seu inconsciente a imagem do homem que procura. O *animus* atua como um mediador entre o consciente e o inconsciente, trazendo na mulher o racional, a capacidade de reflexão e o autoconhecimento.

O primeiro receptáculo do *animus* é o pai, depois se transfere para a figura de um mestre, de um herói, de um líder. Nas relações amorosas, verifica-se a projeção das necessidades da mulher, no tocante ao dito amor idealizado.

Nesse sentido, extrai-se a lição de Silveira (1994, págs. 96-97):

O animus congrega todas as experiências que a mulher viveu nos seus encontros com o homem no curso dos milênios. E é a partir deste imenso material inconsciente que é modelada a imagem do homem que a mulher procura. Depois do pai, o primeiro receptáculo do animus, este se transfere para o professor, o ator de cinema, o campeão esportivo, o líder político, o homem completamente ligado à natureza, o herói com físico acentuado etc. Num nível mais sutil é representado pelo homem romântico sobre o qual muitas mulheres projetam seu animus inconsciente. Projetado sobre o homem amado faz dele uma imagem ideal impossível de resistir à convivência cotidiana. vemos assim inevitáveis decepções. Em um nível ainda mais sutil e amadurecido, manifesta-se na figura do velho sábio-como imagem arquetípica da sabedoria”.

“As personificações que o animus assume nos sonhos, contos de fada, mitos etc, variam muito: animais selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e homens requintados.”.

²² Ibid., p. 93

“As relações entre o homem e a mulher ocorrem dentro do tecido fantasmagórico produzido pela anima e pelo animus”. Portanto, não é para surpreender que surjam emaranhados problemas na vida dos casais.” ²³

²³ Ibid., págs. 96-97

2 A ALQUIMIA NA VISÃO DE JUNG E O PROCESSO SIMBÓLICO.

2.1 Breve histórico da Alquimia.

A palavra Alquimia, em árabe tem seu significado definido como “*a química da natureza*”. Era considerada uma arte da transmutação dos metais. Os primeiros registros alquímicos aconteceram no século I antes de Cristo, e ao longo do tempo foram se misturando com diversificadas formas de conhecimento e religiões. O desenvolvimento da Alquimia se estendeu por um período de quinze séculos e seus estudos culminaram na origem do estudos da Química, influenciando outras correntes de conhecimento como a Física, as correntes literárias, religiosas e filosóficas.

Desde os tempos antigos, através das mais antigas práticas utilizadas por Xamãs, curandeiros, sacerdotes do antigo Egito, rituais Gregos Dionisíacos, nos cultos aos Deuses, ou seja nos mais diversos rituais pagãos ao longo da história da humanidade, existiram os indícios das transformações do estado emocional profundo do indivíduo, através das expressões simbólicas.

Os ritos e as celebrações religiosas foram realizados pelos mais diversos povos ao longo dos tempos, revelando o caráter transcendente e as manifestações do inconsciente, nas mais diversas formas de celebração, a exemplo dos tambores em batidas ritmadas, da repetição de sons, mantras ou palavras mágicas, das interações na natureza através da Alquimia, ou nos cultos aos Deuses. Em todos esses rituais foram encontrados a manifestação do caráter transcendente e alquímico nos mais diferentes povos, sejam eles hindus, egípcios, faquires, indígenas ou yogues, ou até mesmo através da respiração ritmada dos budistas em suas meditações.

O objetivo sempre esteve pautado na busca de elevação da consciência individual, através da união com a mitologia, com vistas a alcançar uma identidade da mente universal e, por conseguinte, o autoconhecimento.

Em analogia simbólica, seria a ambição de obtenção do ouro. O ouro, neste contexto, seria a imortalidade, onde a única tendência é a da transmutação real, da individualidade humana.

2.2 O interesse de Jung nos estudos alquímicos.

Carl Gustav Jung despertou seu interesse sobre os estudos alquímicos no final de sua vida, ao perceber que o processo de transformação do metal, pela Alquimia, em “ouro”, tinha forte correspondência em relação a sua visão a respeito dos estudos sobre a alma e o processo psíquico. Ao observar as experiências alquímicas, Jung pode notar que os alquimistas também passavam por experiências psíquicas específicas, ligadas ao comportamento particular do processo alquímico que estavam vivenciando.

Os alquimistas tinham uma postura mais fenomenológica, pois observavam o que surgia e interpretavam de algum modo, mas sem um plano ou pressupostos específicos, ou seja, não existia uma intenção ou tradição definida. O Alquimista se projetava na matéria e as imagens que surgiam não eram submetidas a qualquer tipo de correção.

Nesse sentido, confira-se a lição de Franz (1990, p. 13):

Os alquimistas acreditavam que estudavam os fenômenos desconhecidos da matéria (...) e limitavam-se a observar o que sucedia e a interpretá-lo de algum jeito, mas sem nenhum plano específico. Aparecia um torrão de alguma matéria estranha, mas como eles não sabiam o que era, faziam uma conjectura qualquer, que é óbvio seria uma projeção inconsciente, mas nisso não havia uma intenção nem tradição definidas. Por conseguinte, se poderia dizer que na alquimia as projeções se efetuavam da maneira mais ingênua e impremeditada, e sem lhes realizar correção alguma.¹

Da mesma forma, na Psicologia Analítica, Jung percebeu que ocorria uma projeção, onde o indivíduo fazia uma correspondência entre a experiência simbólica do processo e suas vivências pessoais. A partir dessa constatação, Jung passou a se interessar no estudo da Alquimia, partindo da ideia de experiência imediata, ou experiência numinosa, onde o contato com as imagens arquetípicas não induzia a qualquer elaboração consciente ou interpretação.

A partir da observação de que existia um senso de totalidade na Alquimia, denominada *unus mundus*, é que esse assunto se transformou em precioso objeto de estudo de Jung, rica de simbolismo. Jung correlacionou os símbolos alquímicos aos símbolos de nossos sonhos, dos mitos, fantasias, das artes, ou seja, com aspectos profundos da alma.

¹ Ibid., p. 13

Nesse sentido, ensina Franz (1990, p. 14), que “na alquimia existe, pois, uma quantidade assombrosa de material que procede do inconsciente, produzido em uma situação em que a mente consciente não seguia um programa definido, mas sim somente investigava. O próprio Jung abordou de maneira similar o inconsciente(. . .)”².

2.2.1 O Processo Simbólico.

O que distingue o trabalho de Jung, e traz uma certa originalidade em suas pesquisas, ao longo de sua trajetória acadêmica, são seus estudos e percepções a respeito da teoria do inconsciente e do psiquismo. O interesse de Jung em explorar vivências e estudos acerca do conteúdo simbólico foi um fator marcante desde o início de sua jornada como psicanalista.

Pela dificuldade em precisar o conceito de símbolo, Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 4) ensina que Jung definia como a “expressão de uma idéia intuitiva que não pode ainda ser formulada de outro melhor modo”³. O símbolo emerge do inconsciente, ou seja, ele está vivo e mobiliza a energia onde o consciente encontra sentido e a razão desconhece. Em outras palavras, inconsciente e consciente se aproximam. Dessa forma, Jung criou uma possibilidade de resgate e enfrentamento do mundo, que antes tinha sido negado pelo racionalismo.

Estar na alma é estar *in anima*, relacionando-se com a alma-coração, portanto, afirma Hillman (1999, p. 206), que “a Psicologia de Jung baseia-se na alma”⁴. Jung defendia a idéia de uma Psicologia Analítica tripartida (corpo, mente e alma), não se baseando apenas em matéria e cérebro, nem em mente, intelecto, espírito, matemática, lógica e metafísica. Jung não usava nem os métodos da ciência natural e da psicologia da percepção, nem os métodos da ciência metafísica e da lógica do raciocínio, sendo o símbolo percebido como veículo da emoção, destacando-se na percepção de uma imagem arquetípica.

Jung também percebia o símbolo como o veículo da emoção, destacando-se na percepção de uma imagem arquetípica. O estudo dos sonhos passou a ser um foco importante à Psicologia Simbólica Junguiana.

² Ibid., p. 14

³ Ibid., p. 4

⁴ HILMAN, J. O Livro do Puer. São Paulo: Paulus, 1999, p. 206.

O estudo da interpretação dos sonhos tinha despertado a atenção de Jung desde os trabalhos de análise com Freud, culminando em seu primeiro grande trabalho chamado “Símbolos da Transformação” (1913). Jung passou a defender a teoria da energia psíquica, contestando Freud ao afirmar que a libido sexual era uma força poderosa na psique humana, mas não a única. Cada vez mais interessado pelo estudo dos fenômenos espirituais, Jung entrou em desacordo com Freud, que era muito crítico a respeito do assunto.

A partir dessa cisão, Jung deu um novo nome a sua escola psicológica, chamando-a de Psicologia Analítica. A partir de seus estudos a respeito do psiquismo, Jung desenvolveu a teoria dos complexos e defendeu a estrutura da psique da seguinte forma: o consciente, que tem relação com o ego, o inconsciente, que não tem relação com o ego e o pessoal, que influencia o consciente e o coletivo, e que considera uma herança comum da humanidade. A partir desse ponto, Jung considerou o processo de individuação como eixo da Psicologia Analítica, onde o indivíduo tem potencialidades inatas e possibilidades de se realizar plenamente.

Em sua conexão com o simbólico, Jung passou a desenhar mandalas, descobrindo que o inconsciente se expressa por meio de símbolos. Também afirmava que cada pessoa trazia consigo uma herança ancestral, e que toda história da humanidade estava codificada em símbolos.

2.2.2 Os símbolos.

O símbolo, termo de origem grega *Symbolon*, que significa colocar junto, é uma produção espontânea da psique, podendo ser de natureza pessoal ou coletiva, comum a toda a humanidade, ou característico de uma determinada cultura. Possui características atemporais, sendo inesgotável, vivo e multidimensional. Quando um símbolo traz à consciência conteúdos arquetípicos, gera profundas transformações na psique do indivíduo, proporcionando-lhe um mergulho interno rumo ao autoconhecimento.

Segundo Jung (1990, p. 113), o símbolo tem como papel dar significado a vida do homem, pode ser considerado a melhor expressão de algo relativamente desconhecido, pois ele é representado por imagens, vivências e experiências e que englobam os aspectos conscientes e inconscientes,

que estão desconhecidas da consciência⁵. Como tal, o símbolo existe sob a forma de vivência e experiência do indivíduo, possibilitando, assim, estabelecer variadas relações e analogias. Dessa maneira não é possível esgotar ou determinar o significado de um símbolo.

A respeito desse ponto, uma das funções exercidas pelo símbolo no psiquismo é de aproximar os conteúdos conscientes e inconscientes, pois o próprio símbolo representa a melhor leitura possível de um fato ou acontecimento complexo e que não está claramente compreendido pela consciência.

A manifestação do inconsciente acontece simbolicamente e a consciência (ou ego) procura fazer contato com o seu inconsciente a fim de interpretar a mensagem expressa no campo simbólico. Como exemplo, Jung destacou a cruz como um símbolo do inconsciente coletivo e aprofundou seus estudos a respeito do *self* por meio da expressão pela arte. Segundo Jung, o inconsciente se manifestava através dos sonhos, desenho, pintura, música e arte em geral.

⁵ Ibid., p. 113

3 A ALQUIMIA E SEUS RITOS: AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO ALQUÍMICOS E SUAS OPERAÇÕES.

3.1 Os quatro elementos e a quinta essência O mercúrio, o enxofre, o sal e os sete metais.

Para os alquimistas, o processo de transformação da matéria em metais preciosos tinha uma estreita relação com o aspecto espiritual e sagrado. Com isso, procuravam acelerar o processo de transformação do metal em ouro, quando levaria tempos para que a matéria-prima pudesse ser transformada em metal precioso de forma natural. Para que isso ocorresse, os alquimistas utilizavam os processos naturais e aplicação dos elementos água, terra, ar e fogo, correlacionando-os respectivamente com os estados líquido, sólido, gasoso e energético ¹.

O fogo e o ar corresponderiam aos estados invisíveis, enquanto a terra e a água constituiriam os estados visíveis. A água seria o elemento penetrante, dissolvente e nutritivo. A terra corresponderia à solidez que estabiliza a matéria, e que dá suporte ao líquido. O ar seria o elemento gasoso, expansivo e volátil. O fogo seria a energia que acelera o processo, aquece e ilumina. Por fim, a denominada quintessência, conhecida como éter, seria o elemento que equilibra e penetra nos corpos, a força viva.

Na visão dos alquimistas, os quatro elementos não eram suficientes para expressar todas as características dos processos alquímicos. Por conta disso, tiveram que adotar outros termos para expressar os princípios, acrescentando, dessa forma, o enxofre, o mercúrio e o sal.

O enxofre seria o princípio fixo, que representa as propriedades ativas, a ação corrosiva, o poder de atacar os metais, e também o masculino, o movimento, a forma, o quente. O enxofre, como princípio masculino, seria o *animus*, domínio do espírito, razão, consciência representado pelas figuras monárquicas rei, leão e o ouro.

Já o mercúrio representa o *anima*, o princípio feminino, estabelecendo uma conexão entre a criação e o divino. Apresenta propriedade passiva, por ser maleável, e escorregadio. O mercúrio, também chamado de sal

¹ As ideias contidas no presente capítulo foram extraídas de um livro denominado “A Alquimia e os Verdadeiros Alquimistas”, disponibilizado on line por Mariagela Albuquerque. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/MariangelaAlbuquerque/a-alquimia-e-os-verdadeiros-alquimistas>. Acesso em: 01.10.2018.

dos metais, representa aspectos do princípio feminino, como a água, a lua e as metamorfoses da matéria. Porém o mercúrio possui também um princípio corrosivo, opondo-se ao enxofre, dissolvendo os corpos, representando a relação com o tempo.

Segundo Franz (1992, p. 28) ²:

“O mercúrio possui uma energia capaz de gerar uma completa confusão, pois ele contém um espírito maligno. O primeiro mercúrio é também chamado dissolvente universal, o segundo mercúrio contém dois tipos de princípios, o mercúrio e o enxofre, que possuem propriedades contrárias e estas misturas destas propriedades contrárias geram um dualismo enxofre-mercúrio, algo muito importante no processo da alquimia.”

Por sua vez, o sal, também conhecido por arsênico, é o meio de união entre as propriedades do mercúrio e as do enxofre, atuando como uma força de interação, muitas vezes associado a energia vital que une a alma ao corpo. No ser humano, o enxofre seria o corpo físico, o mercúrio seria a alma e o sal seria o espírito mediador.

De acordo com Edinger (1990, p. 104), no sal existe o encontro ideal entre os opostos mercúrio e enxofre, ou seja, há a harmonização de antagonismos³. O sal normalmente é relatado como sendo um fogo aquoso ou uma água ígnea, obtido a partir do mercúrio comum em conjunção com o fogo, e obtendo assim a chamada “água que não molha as mãos”. O sal protege os metais para que no processo não sejam totalmente destruídos, restando a semente. Por seu intermédio nascerá algo novo.

Segundo os alquimistas, os metais, com o tempo, transformar-se-ão em ouro, que é o metal que contém o equilíbrio perfeito dos quatro elementos. Os sete metais considerados nos estudos alquímicos seriam a prata, representado pela Lua, o mercúrio, representado pelo planeta Mercúrio, o estanho, representado por Júpiter, o chumbo, representado por Saturno, por ser considerado pesado e lento, o cobre, representado por Vênus, maleabilidade, sossego, beleza e prazer, o ferro, representado por Marte e o ouro, representado pelo Sol.

Os alquimistas buscavam a transmutação de metais vis, como o mercúrio, chumbo, estanho, cobre, ferro, em metais preciosos, como o ouro

² FRANZ, M. von. *Alquimia e Imaginação Ativa*. São Paulo: Cultrix, 1992, p. 28.

³ EDINGER, Edward F. *Anatomia da Psique: O Simbolismo Alquímico em Psicoterapia*. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 104.

e a prata. No entanto, os verdadeiros alquimistas não estavam em busca do ouro vulgar, do ouro do homem comum, mas do denominado ouro filosofal.

Ao transpor os supracitados conceitos para o campo da Psicologia Analítica, Jung (1994, p. 13) entendia que o “ouro” não se encontrava sempre onde se costumeiramente procurava, mas que poderia ser encontrado nos lugares mais indesejados, como por exemplo, nos recantos mais indesejados do inconsciente.⁴

3.2 As quatro etapas do desenvolvimento alquímico.

3.2.1 NIGREDO.

De acordo com Jung (1994, p. 238), os alquimistas consideravam a *nigredo* como um estágio inicial, onde a matéria se encontra na qualidade de “prima matéria”, num estágio confuso de caos⁵. A *nigredo* é simbolizada pela cor negra, correspondente ao metal chumbo, onde a matéria prima é putrefada, entra em um processo de sofrimento e é dissolvida. Nesse ponto, diversas operações alquímicas como a *solutio*, *separatio*, *putrefactio*, *calcinatio*, *mortificatio* poderiam ser utilizadas pelos alquimistas.

No que se refere ao sentido psicológico, Edinger (1990, p. 61-63) tem relação com os estados depressivos, as idéias de derrota, fracasso e morte⁶

O paciente, regra geral, encontra-se em processo de destruição de estruturas antigas e os sentimentos de angústia, sofrimento, dissociação e dor psíquica se tornam evidentes. No que se refere a *nigredo*, faz parte deste universo arquetípico o luto, os sentimentos de morte, o túmulo, o corvo, as trevas, dentre outros.

3.2.2 ALBEDO.

⁴ JUNG, C. Psicologia e Alquimia. Obras Completas, Vol XI Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 13.

⁵ Ibid., p. 238

⁶ EDINGER, Edward F Anatomia da Psique: O Simbolismo Alquímico em Psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 61-63.

Quando atingido o estágio *albedo*, a substância passa por um processo de purificação, sendo simbolizada pela cor branca. As operações alquímicas comumente realizadas nessa etapa eram a *separatio*, *purificatio* e *sublimatio*. Percebe-se neste processo da *albedo* a ação de lavar, categorizar e separar, gerando um movimento circular.

No sentido psicológico, o paciente possui a capacidade de clareza mental, sendo convidado a revista de conceitos passados a fim de se criar uma nova visão, um novo entendimento. Compreende melhor seu estado emocional, sendo capaz de discernir as situações. Segundo Edinger (1990, p. 167), existe o confronto com a sua contra parte sexual *anima-animus*, onde os conflitos de conteúdos advindos do inconsciente provocam a síntese de opostos percebida na próxima etapa. O indivíduo vai da imobilidade ao movimento, do caos à consciência⁷.

Neste estágio fica perceptível o crescimento e desenvolvimento do paciente e uma ampliação de sua consciência, pois a *albedo* simboliza a iluminação que surge após o período sombrio, iluminando o que ante estava na escuridão. O indivíduo não se encontra mais misturado às questões anteriores, estando em uma posição que as permite compreender melhor e, a partir disso, possibilitar a sua transformação.

3.2.3 CITREDO.

Jung (1990, p. 235) esclarece que a *citredo* seria uma fase de transformação alquímica caracterizada pelo amarelecimento (*xanthosis* ou *citrinitas*), caindo em desuso nos estudos alquímicos, razão pela qual é raramente mencionada. Para grande parte dos estudiosos da Alquimia, a *albedo* era imediatamente sucedida pela *rubedo*, mas para JUNG, “a transição para a *rubedo* constitui o amarelecimento (*citrinitas*) da obra⁸.

O *citredo* (obra ao amarelo) seria considerada como uma fase em que a pessoa já ganhou uma nova consciência, pois o indivíduo já começa a ter mais compreensão dos outros, experimentando sentimentos como o perdão e o amor.

⁷ Ibid., p. 167

⁸ JUNG, C. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 235.

3.2.4 RUBEDO.

O estágio final do desenvolvimento alquímico encontra-se na *rubedo*, onde ocorre a elevação do fogo, e é simbolizada pela cor vermelha. Na lição de Edinger (1990, p. 165) as operações alquímicas característica dessa fase são a *coagulatio*, *conunctio* e *multiplicatio*⁹.

Segundo Franz (1990, p. 162), atingir o vermelho “*indica força de cura, ‘o maná’, a ‘imputrescibilidade, a irradiação viva elevada a um grau superior.*”¹⁰.

Os alquimistas consideravam que através da *rubedo* era obtida a pedra filosofal, mas, assim como a *nigredo*, na *rubedo* também se desconstruía algo que estava cristalizado, o que gerava uma confusão inicial necessária para que pudesse acontecer as transmutações.

Do ponto de vista psicológico, atingir o estado da *rubedo* significa a totalização psíquica, ou seja, atingir a individualização. Seria como se alcançasse a pedra filosofal, representada pela *self*.

Os pacientes já se deixam contagiar mais pela vida, experimentando emoções intensas e vivências psíquicas internas para que se transformem em um ser mais integrado. Seria a conjunção final dos opostos: masculino e feminino, espírito e matéria. Nesse ponto do caminho, o terapeuta deverá provocar as operações alquímicas da *multiplicatio* e a *coniunctio*, reforçando cada vez mais os pontos fortes do paciente no processo de individuação, de modo a fazer com que a “semente” possa encontrar solo fértil para germinar.

3.3 AS OPERAÇÕES ALQUÍMICAS.

Não há um número exato de operações alquímicas, mas Edinger (1990, p. 32), ao estudar o tema, organiza e concentra a atenção no que considera as sete principais operações alquímicas, com o intuito de transformação da *prima materia* na Pedra Filosofal (*lapis philosophurum*): a *calcinatio*, a *solutio*, a *coagulatio*, a *sublimatio*, a *mortificatio/putrefactio*, a

⁹ Ibid., p. 165

¹⁰ FRANZ, M. von. Alquimia. Introdução ao Simbolismo e à Psicologia. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 162

separatio e a *coniunctio*¹¹.

É importante ressaltar que cada operação alquímica exibe tanto um aspecto inferior quanto um superior, bem como um lado positivo e um lado negativo.

3.3.1 *CALCINATIO*: Elemento FOGO.

Nas lições de Edinger (1990, p. 45), “o fogo da *calcinitio* é um fogo purgador, embranquecedor. Atua na matéria negra, a *nigredo*, tornando-a branca ... *calcinitio* é o único meio de purificar nossa substância, e isso a vincula ao simbolismo do purgatório.”¹².

Dessa forma, a *calcinitio* atua sobre a matéria negra (*nigredo*), tornando-a branca (*albedo*), ou fase de embranquecimento. Em termos psicológicos, isso ocorre no momento de enfrentamento de sua vida, quando o indivíduo toma consciência de seus desejos frustrados e se depara com a sua realidade, sem os véus da ilusão.

3.3.2 *SOLUTIO*: Elemento ÁGUA.

No que se refere a *solutio*, afirma Edinger (1990, p. 67)¹³:

a operação de *solutio* é um dos principais procedimentos da alquimia. ... a *solutio* é a raiz da alquimia, transforma um sólido num líquido. O sólido parece dissolver no solvente, como se tivesse sido engolido. Para o alquimista, a *solutio* significava com frequência o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original - isto é, à *prima materia*. Considerava-se a água como útero e a *solutio* como um retorno ao útero para fins de renascimento.

Portanto, a *solutio* é a operação alquímica ligada ao elemento água, sendo elemento maleável, que encontra sua força na persistência e na fluidez. A *solutio* fala da sabedoria da água diante das dificuldades, onde a

¹¹ Ibid., p. 32

¹² Ibid., p. 45

¹³ Ibid., p. 67

flexibilidade e a fluidez deste elemento cria formas de adequação diante a realidade e dos obstáculos que ela apresenta.

Em termos psicológicos, a *solutio* simboliza o inconsciente mais profundo e coletivo, a matriz de todo o universo, o grande útero que dá origem a tudo, onde o ego nasce. Nesse ponto, o paciente poderá desenvolver um outro ponto de vista, uma mudança de percepção mais abrangente, trazendo soluções mais robustas para as situações vivenciadas. Sonhos com inundações, por exemplo, podem ser referência a essa operação.

3.3.3 COAGULATIO: Elemento TERRA.

A *coagulatio* esta ligada ao elemento terra, onde o processo que transforma as coisas em algo mais concreto. Nesse sentido, confira-se a afirmação de Edinger (1990, p. 101) ¹⁴:

a *coagulatio* refere-se, em primeiro lugar, à experiência no laboratório. O resfriamento pode transformar um líquido num sólido. . . . Em termos essenciais, a *coagulatio* é o processo que transforma as coisas em terra. “Terra” é, por conseguinte, um dos sinônimos de *coagulatio*

A terra tem em seu estado a percepção de algo concreto, permanente, palpável, tem posição fixa e forma e, ao contrário da água, a terra não desaparece no ar por meio de volatilização.

Em termos psicológicos, tornar-se terra significa o desejo que coagula ou seja a força que impulsiona a consciência a tornar concreto o desejo na realidade. O ponto de atração do desejo é o êxtase e a doçura da realização. Nos sonhos, por exemplo, é comum as referências a doces, (balas, bolos, biscoitos, etc.) podem indicar a necessidade de *coagulatio*.

3.3.4 SUBLIMATIO: Elemento AR.

Edinger (1990, p. 135) define a *sublimatio* nos seguintes termos ¹⁵:

¹⁴ Ibid., p. 101

¹⁵ Ibid., p. 135

a *sublimatio* é a operação que pertence ao ar. Ela transforma o material em ar por meio de sua elevação e volatilização. . . .o termo 'sublimação' vem do latim *sublimis*, que significa "elevado". Isso indica que o aspecto essencial da *sublimatio* é um processo de elevação por intermédio da qual uma substância inferior se traduz numa forma superior mediante um movimento ascendente. A terra se transforma em ar.

Em termos psicológicos, verifica-se que o paciente já consegue lidar com determinado problema, vendo a questão por outro ângulo, "por cima" dele, de forma mais clara e objetiva.

Nessa fase, os pacientes geralmente sonham com imagens referentes a movimento para cima, como voar, subir as escadas, elevadores, montanhas, dentre outros. Quanto mais alta a elevação, a perspectiva se amplia. No entanto, é preciso ter cuidado para que o paciente não fique fora da realidade, o que geraria sensação de impotência. Nesse ponto, os *sonhos de vôo* podem indicar a necessidade de uma descida ao "concreto" para evitar uma dissociação da realidade.

3.3.5 MORTIFICATIO/PUTREFACTIO.

A *mortificatio* e a *putrefactio* constituem-se no escurecimento ou *nigredo da prima materia*, sendo que os dois termos podem ser usados alternadamente com o mesmo propósito sem o que o resultado seja prejudicado, podendo ser referidos a diferentes aspectos da mesma operação.

Nesse ponto, Edinger (1990, p. 166) ensina que "a *mortificatio* é a mais negativa operação da alquimia. Está vinculada ao negrume, à derrota, à tortura, , à mutilação, à morte e ao apodrecimento. . . a *putrefactio* é a 'putrefação', a decomposição que destrói corpos orgânicos mortos." ¹⁶.

Em termos psicológicos, o negrume refere-se aos aspectos sombrios vivenciados pelo paciente. Somente após a consciência de seu estado sombrio, da percepção da negritude, é que o indivíduo poderá iniciar o processo rumo ao embranquecimento, culminando no estágio da *albedo*.

Em relação aos sonhos, os pacientes costumam relatar cenas de excrementos, vasos sanitários sujos de fezes e maus odores. Imagens de

¹⁶ Ibid., p. 166

decapitação, ou separação entre a cabeça e o corpo também pertencem a tais simbologias.

3.3.6 SEPARATIO.

Segundo os estudos alquímicos, a *separatio* era a operação de separação dos componentes da *prima materia*, que muitas vezes eram considerados opostos, com a finalidade de se extrair metal do minério puro. Nesse sentido, explica Edinger (1990, p. 199) ¹⁷:

considerava-se a prima materia um composto, uma confusa mistura de componentes indiferenciados e opostos entre si, composto esse que requeria um processo de separação. . . esta mistura composta pelo processo da separatio, passa por uma discriminação de suas partes componentes.

No sentido psicológico, Percebe-se um aspecto que se destaca na *separatio*, que corresponde a separação entre sujeito e objeto, entre o eu e o não –eu. À medida que o indivíduo percebe os opostos dentro de si mesmo e os acolhe, tal percepção traz um aumento do seu nível de consciência e impulsiona o processo de individuação.

No tocante aos sonhos, Edinger (1990, p. 205) exemplifica a *separatio* com imagens simbólicas de facas, foices, espadas e lâminas bem afiadas de todos os tipos. Terminada a *separatio*, os opostos purificados podem ser reconciliados na *coniunctio* ¹⁸.

3.3.7 CONIUNCTIO.

A *coniunctio* na Alquimia consiste na reunião dos elementos. Nesse ponto, os alquimistas tiveram a oportunidade de testemunhar em seus laboratórios muitos exemplos de combinação química e física, na qual duas substâncias se unem para criar uma terceira substância com propriedades distintas. Essas experiências forneceram imagens para a fantasia alquímica.

Nesse sentido, assim dispõe Edinger (1990, p. 227) ¹⁹:

¹⁷ Ibid., p. 199

¹⁸ Ibid., p. 205

¹⁹ Ibid., p. 227

A *coniunctio* é o ponto culminante da *opus*. Em termos históricos, assim como psicológicos, ela apresenta um aspecto extrovertido e um aspecto introvertido. O fascínio dos alquimistas com a *coniunctio* do lado extrovertido promoveu um estudo do milagre da combinação química e levou à química moderna e à física nuclear. Do lado introvertido, esse fascínio gerou o interesse pelo conjunto de imagens e pelos processos inconscientes, levando à psicologia profunda do século XX.

Destacam-se duas fases na *coniunctio*, uma inferior e uma superior. A *coniunctio* inferior é uma união ou fusão de substâncias que ainda não se encontram completamente separadas ou discriminadas e ocorre sempre que o ego se identifica com conteúdos inconscientes. Essas *coniunctios* contaminadas devem ter como sequência a *mortificatio* e uma nova *separatio*. Já a *coniunctio* superior, por outro lado, é o alvo da *opus*, a suprema realização.

Na realidade concreta, esses dois aspectos se acham frequentemente combinados. A experiência da *coniunctio* é quase sempre uma mistura dos aspectos inferior e superior.

Do ponto de vista psicológico, a pessoa é jogada para lá e para cá entre os opostos, de modo praticamente interminável. Mas surge, de maneira gradual, um novo ponto de vista a partir da reunião (*coniunctio*) de todos os fatores trabalhados nas etapas anteriores, e que gera a transformação individual.

4 AS QUATRO ETAPAS DA TERAPIA ANALÍTICA E A COMPARAÇÃO COM AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO ALQUÍMICO.

A partir destas observações, Samuels, Shorter e Plaut (1986, p. 31) expõe que JUNG identificou quatro etapas no processo da terapia analítica, onde a energia psíquica é mobilizada para um processo curativo. As quatro etapas são a catarse ou purificação, a elucidação, a educação e a transformação¹.

Na etapa da catarse ou purificação, percebe-se a presença de uma espécie de confissão, onde o paciente apresenta relatos dos processos e acontecimentos, até então ocultos e inconscientes. O paciente procura nesta etapa aliviar sua dor rompendo suas defesas e seu isolamento neurótico e começa a se abrir para um outro estágio de crescimento.

Na etapa de elucidação, existe a presença de um esclarecimento, conteúdos inconscientes começam a ser expostos, vínculo entre terapeuta e paciente se torna mais consistente, sendo possível o compartilhar deste sofrimento e passando a existir uma certa conscientização neste processo. Percebe-se uma maior clareza a respeito de si mesmo e o reconhecimento de seus aspectos sombrios. Nesta etapa existe a presença mais clara de *insights*.

A etapa seguinte é a da educação onde já existe a presença de atitude diante do contato do paciente com suas questões emocionais profundas. Nesta etapa, onde há uma percepção mais consciente de suas ações, o indivíduo é desafiado a assumir uma nova postura diante dos fatos e conseqüentemente da própria vida, educando-se e obtendo uma maior compreensão a respeito das conseqüências de seus atos. A energia psíquica não está direcionada mais para o ego e o inconsciente direciona as ações para a forma mais consciente trazendo um certo grau de amadurecimento e crescimento ao indivíduo e a maior percepção de seu caminho de individuação.

Na última etapa acontece o processo da transformação, onde existe a presença do confronto dos complexos em uma espécie de “crise positiva”. Neste ponto, a energia psíquica está direcionada de modo a facilitar a conexão do inconsciente com o consciente, já existindo a possibilidade de soluções mais criativas e a presença de autoconhecimento. Percebe-se nessa etapa a presença de uma mudança de atitudes e comportamentos

¹ SAMUELS, A; Shorter B & Plaut. F: Dicionário Crítico de Análise Junguiana. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 31.

por parte do indivíduo em relação a ações que antes eram inconscientes.

Em suma, com a catarse-confissão apresenta-se a elucidação, o esclarecimento. A partir do esclarecimento existe uma reeducação, uma certa consciência, e a partir desta nova consciência, o indivíduo começa a ter uma percepção maior de si mesmo e de seus atos, com real possibilidade de transformação e uma postura diferente a respeito da vida. Ao confrontar os complexos a mudança de consciência se estabelece promovendo um processo de cura e uma maior possibilidade do indivíduo sentir a sua autonomia como algo possível de se vivenciar na realidade.

Comparando-se as quatro etapas no processo da terapia analítica com as etapas do desenvolvimento alquímico, vislumbra-se uma similaridade da *nigredo* ao momento de catarse, e a *rubedo* em relação à transformação do indivíduo. O objetivo do alquimista e do terapeuta aqui se identificam, pois buscam transformar a matéria enegrecida no ouro reluzente, o paciente que não possui meios de trabalhar suas questões ao paciente fortalecido, individualizado.

5 UM CASO CLÍNICO À LUZ DOS ESTUDOS ALQUÍMICOS.

5.1 Utilização dos estudos alquímicos desenvolvidos por Jung num caso clínico

Jung acreditava existir grande similaridade entre a Psicologia Analítica e todo o procedimento alquímico contido na Alquimia, o que em sua visão representava com clareza o que era descrito como o processo de individuação.

Portanto, o processo da psicoterapia profunda pode ser descrito pelas imagens alquímicas do inconsciente onde a opus alquímico e processo de individuação são considerados fenômenos idênticos. Este trabalho alquímico descrito pelos alquimistas descreveria perfeitamente o processo de individuação e que, segundo Jung, desvendaria o conteúdo profundo do inconsciente.

Assim como na Alquimia, em que se aprofundavam os estudos a respeito dos estágios e operações necessários para se obter o ouro a partir da matéria prima, no processo de análise, o paciente se apresenta no consultório por vezes “dissolvido”, sem perspectivas e sem direção. O psicoterapeuta, por sua vez, deverá trabalhar a “matéria-prima”, por vezes diluindo o véu de estruturas arcaicas de modo de pensar e de ser, lançando questões que não se encontram trabalhadas pelo indivíduo, com o objetivo de transformação em ouro, que nada mais é do que a individuação.

Portanto, assim como os mestres alquímicos aliavam as teorias com a prática incessante na busca da transformação do metal em ouro, importante trazer um caso à lume para demonstrar uma aplicação prática das diversas transformações “alquímicas”, necessárias no ambiente psicoterápico, cujo objetivo nada mais é do que trazer a tona o processo de individuação e fortalecimento do paciente. Faz-se mister ressaltar que todos os nomes empregados são fictícios.

Luiz, 36 anos, empresário e administrador de empresas, buscou o processo psicoterapêutico após uma tentativa frustrada de suicídio. Sentia-se deprimido, ansioso e muito estressado com as questões familiares. Pai de duas meninas, Luzia de dois anos de idade e Julia, de quatro anos de idade, Luiz relatou uma crise conjugal grave, com possibilidade de separação.

Seu pai, de origem humilde, nascido numa cidade nordestina, é dono de um pequeno estabelecimento comercial. Por não possuir estudo, Luiz era “empregado” do pai desde os sete anos de idade, nunca tendo recebido afeto e carinho de seus genitores. O relacionamento abusivo do pai se fez presente desde muito cedo, com violência física, verbal, emocional e psicológica, o que acarretava um ambiente hostil e de tensão no seio familiar. A mãe de Luiz sempre estava presente nas cenas de violência e se mantinha passiva e omissa naquele momento, nunca indo em sua defesa. Luiz, durante uma sessão, também relatou abuso sexual na infância por um suposto “tio”, de quem tinha muita confiança.

Após o divórcio dos pais, em que o motivo provável teria sido a traição do pai e seu grave problema de alcoolismo, Luiz, que contava com apenas onze anos de idade, foi com sua mãe para o Rio de Janeiro, levando consigo a sua irmã, dois anos mais nova.

Luiz, que possuía um grande dom para os negócios, enriqueceu aos vinte e quatro anos, sendo hoje um grande empresário do ramo varejista. Contou, durante uma sessão, que sempre teve sonhos grandiosos e ambiciosos quando criança, pois tinha grande escassez de recursos em sua infância.

Casado há cinco anos, Luiz possui uma relação insatisfatória com sua esposa. Relatou que o motivo do casamento foi a ideia de segurança, de refúgio familiar e da estrutura de família religiosa de sua cônjuge. De vez em quando, Luiz encontra-se com compulsões sexuais, buscando experiências extraconjugais arriscadas.

Luiz disse ter medo de si mesmo e do que ele chamou de “loucura familiar”. Em sua vida sempre buscou mecanismos de proteção que compen-sassem sua família disfuncional, na forma de instituições rígidas que dessem contenção e estrutura. Tudo isso culminou no casamento com sua esposa, proveniente de uma família extremamente rígida e religiosa, tornando-se praticamente obrigado a casar, após ter se relacionado sexualmente com ela.

Ao traçar um paralelo com os estudos alquímicos, percebe-se que Luiz vivenciou o estágio inicial da Alquimia, correspondente a *nigredo*, com toda a potencialidade de sua personalidade inferior, de sua sombra, culminando no estágio psíquico depressivo, com tendências suicidas. Nesse ponto, ainda não era possível enxergar no paciente o estágio da albedo, sendo necessário, por conta disso, que fosse aprofundado o conhecimento de sua dor, trazendo à tona os seus sentimentos, na tentativa de conciliar os

opostos que lhe traziam sofrimento.

Com esse objetivo, durante meses foram utilizadas diversas técnicas pelo psicoterapeuta, como a utilização de imagens, o estudo dos sonhos, e a própria escuta do paciente, possibilitando introduzir e identificar nas sessões terapêuticas, diversas operações alquímicas, como *solutio*, *a separatio*, *a putrefactio*, *a calcinatio* e *mortificatio*, na tentativa de trazer a clareza necessária ao paciente, a reconciliação do masculino e do feminino a tornar apta a sua passagem para um estágio mais “iluminado”, representado na albedo.

Durante as sessões terapêuticas, evidenciava-se o caos de uma crise familiar, conjugal e de valores que Luiz experimentava. Fazendo um comparativo com as operações alquímicas, foi necessário propor ao paciente um enfrentamento da realidade da vida, uma releitura de sua infância, dos momentos vitoriosos que culminaram em sua prosperidade financeira, e os fatores que o fizeram chegar num relacionamento conjugal estável, porém conturbado em sua visão. Em suma, a sua impressão de sua vida estava baseada na *mortificatio*, pois o paciente só experimentava a sensação de fracasso e derrota. Fez-se necessário introduzir, por exemplo, a *calcinatio*, ou seja, o enfrentamento da realidade de vida do paciente, de modo que o mesmo pudesse também incluir pontos positivos de seu percurso de vida, e assim, aos poucos, trazer “brancura” sobre a *nigredo* que pairava em sua vida.

Numa atividade, Luiz foi convidado a expressar sua raiva através de desenhos. Na ocasião, ele rabiscou o papel em tons de guerra e, ao mesmo tempo, bradava que se sentia motivado, mas ao mesmo tempo com medo. Quando dizia não conseguir colocar “nada para fora”, sentindo-se agitado e ansioso, como se estar ali na terapia o convidasse a fazer uma faxina em suas emoções. Percebia-se que a falta de um lugar para expor seus sentimentos, seus medos e frustrações, o que acarretou o aprofundamento do seu estado de *mortificatio/putrefactio*, a ponto de não sentir prazer em sua vida.

Luiz, em determinada sessão, informou que entrou em contato com seus pais, e num acesso de raiva e explosão, tentou “passar a limpo” todas as mágoas e frustrações de sua infância. Nesse ponto, a preocupação maior foi trabalhar, no paciente, uma maior compreensão interior, a fim de evitar uma forma inadequada de enfrentamento de suas questões familiares. Uma das grandes preocupações dos alquímicos, na fase da *calcinatio*, era evitar a corrosão, o excesso do elemento fogo. Nesse momento, trabalhar a flexibilidade, uma melhor forma de adequação diante da realidade e dos obstáculos, ou seja, foi necessário a introdução de operações referentes

a *solutio*.

Luiz, numa sessão terapêutica, descreveu um sonho onde se vê de volta ao útero da mãe e como se estivesse regredido e se sente vulnerável e imerso em água. Neste dia, o paciente chora bastante, e se percebe arrependido na sua manifestação de agressividade. Esse sonho foi uma chave importante, registro marcante da *solutio*, e necessário para resgatar o afeto, ou pelo menos o agradecimento aos pais pela vida. Nesse ponto, o paciente também se voltou para suas filhas, que até então estavam afastadas dele, pois os sentimentos enegrecidos tinham criado uma certa “muralha”, que afastava a convivência e a manifestação de afeto.

No que se refere a experiência conjugal, Luiz afirmava em terapia que queria terminar o casamento e que sentia um impulso agressivo de sair de casa, pois se via apenas como o provedor da família. Reclamava que não tinha uma comunicação eficiente com sua esposa. Numa determinada sessão, Luiz personificou-se como o “herói”, sentindo-se como se fosse o salvador da família, e as pessoas em sua volta só o viam como o “forte”, sem campo fértil para expor as suas fraquezas.

Isso o fez se tornar um viciado no trabalho e buscar uma relação extraconjugal. A vontade de se encontrar sempre em estado bélico, e com vontade de destruir tudo que foi construído, vender seu estabelecimento e sair do seu casamento só reforçava a mortificatio. Luiz associava estes elementos a sua depressão e posterior tentativa de suicídio.

Em determinada etapa do trabalho terapêutico, Luiz descreveu uma imagem de figura masculina heroína sentada, olhando para duas figuras femininas: a rainha e a princesa. A imagem do desenho contém muito do elemento fogo denunciando o conflito e o sentimento de forças vitais em desequilíbrio. Luiz descrevia a chegada de uma mulher ardente que o perturbava e quem ele vinha se envolvendo, associando a paixão de voltar a sentir o contato sexual ao desequilíbrio e à sua compulsão por sexo com riscos.

Fez também uma relação de uma possível negligência dos pais com a sua compulsão sexual, pois não houve defesa a respeito do abuso que lhe aconteceu. Descrevia a sensação de uma serpente trocando de pele, como se estivesse sentindo uma purificação. Neste momento ele resolve ficar com as duas mulheres-imagem descrita da rainha e da princesa onde sente que não consegue fazer uma escolha.

Por outro lado, verificava-se nos relatos do paciente a sua angústia de viver uma relação entre esposa e amante, chegando a ponto de não

conseguir realizar outras atividades cotidianas de forma satisfatória, como por exemplo o trabalho.

Nesse ponto, um dos recursos terapêuticos utilizados foi o enfrentar da realidade e a depuração dos desejos frustrados, como caminho para um possível efeito purgador e purificador na vida de Luiz. Recursos terapêuticos que tinham como pano de fundo a *calcinatio* (enfrentamento da realidade da vida), a *solutio* (fluidez e flexibilidade diante das dificuldades), e a *separatio*, reforçando no paciente a possibilidade de fazer escolhas, além de aumentar a sua consciência e percepção de si mesmo.

Luiz, em determinado set terapêutico, dizia sonhar com muitas imagens pontiagudas, facas e lâminas cortantes, sentindo-se atraído por elas, até chegar ao ponto de quebrar seu anel de casado. No entanto, percebeu logo após a imagem do seu corpo morto. A referida imagem retrata, nos ensinamentos de Jung, a simbologia da *separatio*, o que coincidia com um momento de resolução em sua vida, pois sua esposa tinha descoberto a relação extraconjugal, pressionando-o a tomar uma decisão.

Com o aprofundamento da terapia, com ênfase nos elementos que minimizassem os efeitos da *mortificatio* em sua vida, Luiz foi tomando conhecimento de suas experiências, dando ênfase aos aspectos positivos e reforçando as qualidades que o fizeram prosperar e construir, num determinado aspecto, uma estrutura familiar.

Pode-se constatar, em determinada fase, que o paciente começou a vivenciar estados de *albedo*, pois começou a compreender melhor suas emoções e principalmente clareza mental para tomar decisões que tivessem um impacto positivo em sua vida. Nesse ponto, Luiz pediu perdão a esposa e voltou a colocar o anel de casamento, encontrando-se disposto a reconstruir.

Ele descreveu que sonhou com uma grande roda em movimento, uma mandala que tinha cores e vida, e que era uma sensação boa se dar conta dela. Havia uma sensação de aceitação maior em sua vida, o que levou a marcar uma viagem com as filhas para um local com parque de diversões. Relatou que após o seu sonho, resolveu andar de roda gigante com a família, e que há muito tempo não se permitia brincar, tomar sorvete e curtir o que existia de bom em sua vida, na companhia das pessoas que amava.

Ao voltar da viagem, retomou as rédeas da empresa e assumiu a liderança, com o estabelecimento de mudanças na estrutura corporativa, e contando com profissionais mais comprometidos, percebendo-se com isso traços consistentes da prosença da *coagulatio*, o seja a capacidade

de dar molde e concretude a realidade. Neste contexto também procurou, ,aproximar-se dos pais, de forma mais construtiva.

Luiz continua em processo terapêutico e vem estabelecendo uma rotina de trabalho, enfrentando as questões de seu casamento com mais realidade. Pode-se dizer que o paciente ainda se encontra no estágio denominado *albedo*, sendo uma grande preocupação nos sets terapêuticos a frequente busca do desenvolvimento das potencialidade do paciente, a fim de evitar uma recaída nos estágios depressivos da *nigredo*. Embora não esteja ainda em estágios mais desenvolvidos de sua individuação, como a *citredo* e a *rubedo*, verificam-se sentimentos no paciente de maior compaixão, perdão e amor, reforçados com uma vontade crescente de busca espiritual, desejos de expansão de consciência e reforço de sua individualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos fundamentos da Psicologia Analítica é a perspectiva ontológica de Jung, ou seja, a sua compreensão a respeito do homem em sua totalidade e sua interação com o mundo. Assim, o homem é considerado um ser em construção, em busca de si mesmo e de sua autorealização. Para Jung, o mundo e o ser constituem a totalidade e o todo engloba a dimensão integral do ser, sua alma, seus aspectos vindos do consciente e do inconsciente.

Segundo Jung (1998, p. 76), a principal tarefa da análise seria a de “libertar a alma”, assumindo uma forma de relacionamento dialético entre analista-paciente. O processo de desenvolvimento da análise é dirigido para investigar questões do inconsciente do paciente, seus conteúdos e processos, a fim de trazer uma condição de alívio às dores experimentadas, e um fortalecimento diante de uma condição psíquica que não está mais sendo tolerada pelo indivíduo ¹.

Nesse contexto, durante o processo da psicoterapia analítica, é importante ao terapeuta adotar uma atitude de construção, a partir de uma postura flexível, buscando assim a evolução do relacionamento e do tratamento analítico. Partindo destas observações, Jung descrevia a importância de uma aliança terapêutica analista-paciente, onde a transferência seria um foco fundamental para o desenvolvimento da análise e de grande utilidade durante as etapas do processo de desenvolvimento da terapia.

Para obter uma eficácia no trabalho terapêutico, o terapeuta deverá se valer dos recursos apresentados pelo paciente, como as imagens, conteúdos simbólicos, sonhos e visões, que serão apresentados ao longo da análise. Neste contexto o processo alquímico da terapia se apresenta por meio destes conteúdos simbólicos, trazendo uma conexão entre os conteúdos inconscientes e conscientes e dando voz ao ser, voz a sua alma. A partir da emoção do paciente, percebe-se a presença do processo criativo por meio dos conteúdos simbólicos e sua conexão com a própria alma, propiciando o processo de individuação.

A respeito da utilização das imagens, assim afirma Gouvêa (1989, p. 83)²:

¹ JUNG, C. G. Prática da Psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 76.

² GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. Sol da Terra: O Uso do Barro em Psicoterapia. São Paulo: Sumus, 1989, p. 83.

A imagem é veículo do Ser. Encontra-se no profundo da pessoa, no mundo de suas intuições, uma vida inteira a querer se expressar. De início, uma lenta e penosa gestação onde todo um universo de experiências começa a tomar forma. No momento exato, há uma ruptura definitiva e o Ser se manifesta em forma de imagem. Na imagem que há por trás das emoções a “voz do Ser” se faz ouvir. A compreensão do Ser, clareira do Ser, abrigou-se nessas imagens. Na emoção jaz uma imagem que busca exteriorizar-se e essa imagem assume ao mesmo tempo um caráter de significação e comunicação (voz e Ser). O mundo constitui sempre o horizonte para o qual ele está orientada. A imaginação imagina e se enriquece incessantemente de novas imagens, que, tateando nos labirintos de nossa psique, saem ao encontro de um mundo que bate do outro lado de nossa intimidade.

Nesse contexto, a alquimia, aliada às imagens e aos símbolos, se torna uma metáfora perfeita, levando-se em consideração a relação analista e paciente. A percepção de conteúdos projetados e a identificação com os elementos e operações alquímicas se torna explícita no confronto terapêutico, proporcionando um lapidar, uma tentativa de transformação da *nigredo* a *rubedo*, do “bruto” do ser ao processo de individuação.

REFERÊNCIAS

- EDINGER, E. F. *Anatomia da Psique: O simbolismo alquímico em psicoterapia*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FRANZ, M. von. *Alquimia. Introdução ao Simbolismo e à Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FRANZ, M. von. *Alquimia e Imaginação Ativa*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- GOUVÊA, A. de P. *Sol da Terra*. São Paulo: Summus, 1989.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. J. *Introdução a Psicologia Analítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HILLMAN, J. *Estudos em Psicologia Arquetípica*. Bahia: Achiamé, 1981.
- HILLMAN, J. *Psicologia Arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- HILLMAN, J. *O Livro do Puer*. São Paulo: Paulus, 1999.
- JUNG, C. Psicologia e Alquimia. In: _____. *Obras Completas Vol. XI*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JUNG, C. G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- JUNG, C. G. *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1998. XVI/1.
- JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1986.
- SILVEIRA, N. da. *Jung: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.